

Manuel Teixeira Gomes

SINTRA



**Umas palavras de
Vitor Wladimiro Ferreira**

2011

Agradecimentos

Vítor Wladimiro Ferreira
Câmara Municipal de Sintra
Élvio Melim de Sousa

Manuel Teixeira Gomes em Sintra

As OBRAS COMPLETAS de MANUEL TEIXEIRA GOMES foram programadas e editadas após a morte do autor (18/10/1941), existindo, no entanto, edições anteriores apresentadas em dois períodos de tempo, o primeiro anterior à proclamação da República, o segundo após a sua renúncia à Presidência da República.

De entre essas edições destaca-se a da *Seara Nova* que não incluiu a *Londres Maravilhosa* e a *Correspondência para Políticos e Diplomatas* que viriam a lume, apenas, pela Portugália Editora (1958-1961).

Os volumes editados na "Seara" são fruto da dedicação e amizade de homens de letras, admiradores da prosa elegante de Teixeira Gomes, também muito rica, já que o nosso autor acolheu não apenas o português vernáculo bebido muito regaladamente, no Padre Manuel Bernardes, mas também em António Feliciano de Castilho e em Camilo Castelo Branco, três dos puristas que mais admirava e em que muito se instruiu, filtrando-os para cultivar a língua Pátria mas, também, em muitos outros autores portugueses de boa escrita.

Presentes na sua outiva estavam, igualmente, termos regionais algarvios que enlaçava aos sons puristas do classicismo, da erudição e do vernáculo, aliás, constantes na retenção de termos e significados de outros tempos, tal como de outras mensagens e sons que lhe soavam como murmúrios soprados pelos deuses gregos.

Teixeira Gomes visionava um Olimpo algarvio, frente a águas serenas como a pele macia de um pêssego e, em outras ocasiões, tumultuosas, feitas assombrações pelas ondas revoltas e plúmbeas do Oceano.

A última edição anterior à sua morte, a "seareira" compreende 11 títulos e foi publicada entre 1930 e 1939, como se explica seguidamente:

- 1930: *Agosto Azul*;
- 1931: *Gente Singular*;
- 1932: *Cartas a Columbano*;
- 1933: *Inventário de Junho*;
- 1934: *Cartas Sem Moral Nenhuma e Novelas Eróticas*;

- 1935: *Regressos*;
- 1936: *Sabina Freire*;
- 1937: *Miscelânea*;
- 1938: *Maria Adelaide*;
- 1939: *Carnaval Literário* (2.ª parte da *Miscelânea*).

Chegou, depois e como acima referido, a colecção da Portugália Editora que editou, para além das obras citadas, *Londres Maravilhosa* e os dois volumes da *Correspondência I e II* (*Cartas para Políticos e Diplomatas*).

No primeiro dos livros póstumos recolheram-se páginas esquecidas ou nunca editadas; no segundo, alguma da epistolografia existente nos copiadores que estiveram em poder de Castelo Branco Chaves (Lisboa, 1900-1992), o amigo, colaborador, anotador, prefaciador e compilador da obra de Teixeira Gomes.

No ano passado (2010), finalmente, i.e., quase sete décadas após a morte do grande escritor, esse espólio (até então em poder do Dr. Fernando Castelo Branco, filho de Castelo Branco Chaves), chegou – em boa hora – aos “Reservados” da Biblioteca Nacional onde espera o merecido e desejado estudo esclarecedor.

A Correspondência apresenta um outro estilo de escrita – a oficial – mais despojado, por vezes seco e impessoal, onde, no entanto, linhas há em que se descortina o sopro do antigo negociante, revelador do entusiasmo com que tratava os diversos assuntos.

Seguiu-se-lhe, já no declinar do milénio, a publicação da sua obra pela Bertrand Editora (1984-1993), edição incompleta pois não trouxe a lume nem a *Londres Maravilhosa* nem a *Correspondência*, sequer qualquer outro texto literário, político ou da sua vasta epistolografia inédita.

O ano de 2009 iniciou uma nova edição, desta feita a cargo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e de que já saíram 2 volumes com textos de ficção: o I (*Inventário de Junho, Cartas Sem Moral Nenhuma e Agosto Azul*) e o II (*Gente Singular, Novelas Eróticas e Maria Adelaide*).

Seguir-se-ão, ainda neste ano de 2011 os volumes III (*Regressos, Miscelânea e Carnaval Literário*) e IV (*Londres Maravilhosa, Sabina Freire e Cartas a Columbano*), uma plêiade de textos de viagens, recordações, ainda, a única peça teatral que escreveu, e, claro, como não podia deixar de ser, epistolografia, uma carreira em que mais do que para os destinatários e outros eventuais leitores, escreveu para seu próprio

deleite a exposição dos seus pensamentos, atitudes e entendimentos do mundo em que circulou.

Espera-se, melhor, deseja-se, que surjam dos cafunós em que estão aferrolhadas outras missivas que Teixeira Gomes endereçou a figuras da vida literária e política portuguesa do seu tempo, algumas das que em verdade mereceram a sua afeição.

Assim, deseja-se a publicação das cartas que dirigiu a João de Deus, Malheiros Dias, José Relvas, Afonso Lopes Vieira (estas, aliás, já editadas, ainda que não na sua totalidade) e a outros correspondentes; espera-se, ainda, a publicação das que dirigiu a familiares, políticos, escritores e personalidades estrangeiras, neste caso, e em especial, aquelas com quem se correspondeu ao longo da sua permanência em Londres e, acrescente-se, à que escreveu no auto-exílio.

Certa é a existência em arquivos e colecionadores particulares de várias cartas – soará melhor dizer epístolas, mesmo que os dois termos tenham o mesmo significado – de Teixeira Gomes mas em boa verdade a maioria ainda não foi localizada.

Pode, até, referir-se que a maioria das cartas editadas, respeita maioritariamente a datas posteriores ao abandono do cargo presidencial (11/12/1925), isto é, anterior ao arranque da “militarada” do 28 de Maio. 2

Pode-se, ainda, especular se estarão perdidas as cartas que terá escrito a próceres da I República.

Ainda que apenas como exemplo, onde se encontram as cartas que dirigiu a Brito Camacho? E a João Chagas? E a Afonso Costa? E ao “desencantado” Fialho de Almeida? Estas últimas, aliás, se é que existem, terão grande interesse pois reportar-se-ão a tempos anteriores à implantação da República e ao curto período, conturbado, que se seguiu ao 5 de Outubro e durou até à morte de “Valentim Demónio” a 4/3/1911, isto é, cerca de 5 meses. E, etc., etc., etc.!!!

Em boa verdade, pode afiançar-se que boa parte da correspondência saída da pena de Manuel Teixeira Gomes – ardente e persistente epistológrafo! – está por localizar e publicar.

O algarvio, ao tempo em que exerceu funções em Londres, já não era o jovem estouvado e provocador que Fortunato da Fonseca, pelos idos de finais da década de 70 do século XIX, dizia ter um “rostinho pálido de Santo António de capelista”, também o etiquetando de “splenético”; mais, ainda, afirmava-o “cheio de teorias extravagantes sobre o universo, altivo no seu uniforme de caçadores, fumando Bird’s-eye num

cachimbozito de gesso" ou participando em "reconstituições bíblicas, o Templo de Salomão, por exemplo; refere, também, que envolto numa coberta de ramagens fingia de rainha de Sabá..." (Álvaro da Costa Pimpão, Fialho, 1945, pp. 23-24).

Aliás, à data, Fialho de Almeida classifica-o como "um velho amigo, alegre e fantasista" (*Revista Académica Literária*, n.º 2, de 1/1/1879).

É Fialho, ainda, quem num outro estudo, ainda e mais uma vez citado por Costa Pimpão (pp.179-180), "fala nos livros que andavam pelas estantes do seu amigo, grande admirador de Balzac e de Musset: Droz, Nerval, Álvares de Azevedo, Poe, Hoffmann, Carvalhal, Flaubert, Feydeau. Vítor Hugo, já se sabe, continuava a ser o Deus: o seu retrato estava à cabeceira".

Pouco tempo após os delírios juvenis, Teixeira Gomes não faltará a zurzir a pele literária de Fialho ao criticar os seus *Contos* (dedicados a Camilo); compara o volume a uma "loja de quinquilharia onde penetram águas revoltas, saturadas de tinturas diversas"; aliás, esse é apenas um dos mimos "delicados" que a *Bibliografia Portuguesa e Estrangeira* publicou no seu n.º 9, 3.º ano, (1881) pp. 154, como nos informa o erudito Costa Pimpão.

Cheguemos, agora, a Sintra e ao texto que Teixeira Gomes lhe dedicou e incluiu em *Regressos*, editado primeiramente em 1935 quando o autor, auto-exilado em Bougie, encerrava 3 quartéis de vida. Vivía, então, há cerca de 4 anos, no Hotel de L'Étoile, na encantadora vila mediterrânica que, mais tarde, a independência argelina fez regressar ao som árabe, Bejaia.

Ambos os nomes significam "vela", como se uma luz fosforescesse as rotas do Mar Interior que orientam mareantes e embarcações até à terra firme de África.

Acrescente-se, ainda, que alguns dos textos de *Regressos* remontam a datas bem anteriores às da edição do livro, como, aliás, o autor assinala.

Assim acontece com *Sintra* que Teixeira Gomes datou de Londres em 1916 e que neste opúsculo vai chegar aos sintrenses, aos devotos de Teixeira Gomes e principalmente a professores do concelho, esperando-se que possam fazer alargar junto dos alunos o conhecimento do escritor.

Como os ocasionais leitores poderão constatar, o autor, para além de breves referências a espaços locais, não evita – aliás, como foi sua prática comum – considerações sobre os sentimentos que o absorvem, no caso, o tema da partida que aborda com um "aperto de coração que adivinha o tormento pela ausência...".

É que Teixeira Gomes era um sensível.

Assim, a propósito da uma viagem entre Portimão e Sintra, tece considerações, sendo de maior monta para quem subscrive o prefácio, as tintas, ainda que leves, com que pinta rapidamente o resplendor da Natureza, quase a benesse de um toque de Midas, mesmo que a mão e a alma humanas estivessem presentes.

Dá que pensar a descrição idílica, sedutora e encantatória, também algo fantasmagórica, dos caminhos de acesso à Pena, as largas visões de sonho e as imagens peregrinas que dali se proporcionam e que levaram o acirrado republicano Teixeira Gomes a elogiar a sensibilidade artística do Rei D. Fernando II, o criador e apaixonado cultor da “exaltada beleza” do Palácio e do romântico Parque que o cerca.

E logo ocorre assinalar como as delícias e os encantos da visão humana fluem frente à sedução da pujança da Natureza e ao mirífico Palácio, mesmo que este nos pareça perdido entre a espuma das nuvens. Verdade é que o visitante sensível se deleita ao espalhar dos sentidos e da alma sobre os horizontes que dali se descortinam.

Teixeira Gomes, compungido, quase enternecido, lamenta “o cancro imundo” que roeu a face do germânico consorte D. Fernando II, já viúvo de D. Maria II, conduzindo-o à morte nas mais cruciantes dores, ele, um amante e cultor das Artes com a face dilacerada por um tumor repugnante...²

São igualmente de atentar as linhas que o autor dedica à mediocridade da vida cultural de Lisboa onde havia, tal como hoje, portugueses que a si próprios se imaginavam numa redoma de vaidade e auto-elogio, enquanto outros ajoujavam o peso do mundo que lhes desabou nos ombros e nas costas...

Depois de queres e mal queres, de viajar incessantemente pelo Mediterrâneo e pelo Centro-Norte da Europa, cultivando o seu cepticismo, mas também o seu esteticismo e o arquivo sensorial de quanto lhe chamava a atenção, Teixeira Gomes reserva umas poucas linhas (134 na edição da Portugália Editora, 129 na da Bertrand) a Sintra, ao Palácio da Pena e ao Palácio da Vila, o das chaminés pantagruélicas e ainda, e fundamentalmente, ao precioso, quase fora do mundo terreno, escritório de densa e luxuriante vegetação, um habitat distante dos fervilhantes areais da charneca que envolve a grande cidade em cujas areias fluviais, assim o diz a tradição das memórias dos tempos míticos, as águas emprenhavam sob o fluxo das aragens que corriam...

Dirá o leitor: é pouco, quanto o autor escreveu sobre Sintra?

Haverá alguém para discordar?

Desejar-se-iam muitas páginas mais, já que, afinal, é apenas um apontamento leve e breve, verdadeiramente belo, na longa crónica de escribas apaixonados por Sintra.

Se Teixeira Gomes se tivesse delongado pelos caminhos marginados por muros de musgo, pelas penedias de Sintra e pelas veredas em que os verdes caem das alturas, um todo que é a esplendorosa rosácea de um microclima portentoso e único..., se tivesse perscrutado demoradamente a arquitectura de devaneio dos poderosos pelo sangue e pela ourama que a vilegiatura da família real atraía, também pelo Castelo dos Mouros – imagem imponente a par do minúsculo e friorento “conventinho” dos Capuchos, conhecido como de Santa Cruz ou “da Cortiça”, um campo de meditação e de exaltação místicas – talvez Teixeira Gomes legasse aos vindouros, a propósito de Sintra, páginas entusiásticas, ainda que menos orgulhosas e deslumbradas de quantas dedicou ao Algarve natal.

Não se fale, nem de castelos na Suécia ou na Escócia, nem nos palácios bávaros, carregados de mensagens esotéricas, nem dos verdes da Irlanda, nem do tesouro dos Montezumas, nem dos areais dourados de Sofala, menos ainda das sedas, lacas, pratos, porcelanas e pedras preciosas dos Orientes, nem das velas enfunadas de navegantes, nem de piratas e flibusteiros engajados em perdições, menos ainda, do marulhar das ondas que batem a costa portuguesa.

Trata-se, isso sim, de terra que a Natureza bafejou com preciosidades inimagináveis, as mesmas que enformaram e levantaram o culto da “terra das Serpentes”, tal como o do Sol e da Lua, a “Xentra” do islamita geógrafo Edrisi, e outros mais, devotos da sedução sintrense...

São incontáveis os cantores de Sintra: do nosso épico historiador Luís Vaz de Camões a Lord Byron – o manco genial e genioso – do nabábico e romântico Beckford ao cronista de campanhas peninsulares Hugo Owen – do sangue daquela morta por amor que foi Fanny Owen – de Gil Vicente, quiçá, esmerilhador de palavras e de jóias, do cosmopolita Damião de Góis, do romântico Garrett que sobre Sintra versejou, do admirável Eça, do requintado Afonso Lopes Vieira, do prolixo pesquisador que foi Alberto Pimentel e de uma infindável miríade de tantos outros escritores... Recordam-se, em especial, o Conde de Sabugosa, D. José Pessanha, José Queiroz, Raul Lino, Leite de Vasconcelos, Raul Brandão, Aquilino, Raul Proença, Jaime Cortesão, o sintrense Francisco Costa, e os muitos mais que se não contabilizam para não estafar a própria Sintra com uma relação de autores impossível de completar.

Teixeira Gomes, vaidoso consigo próprio, sibarita (termo elucidativo, curiosamente em falta no *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* editado em Lisboa em 2002 pelo “Círculo de Leitores”), acolheu-se, entusiástico, à memória da carnalidade dos sentidos dos libertinos setecentistas e, quando jovem, empenhou-se na vida boémia, erótica e literária..., destruidora das convenções instituídas mesmo que anavalhadas na sua hipocrisia.

No virar da idade, o autor mergulhou intensamente na fruição ardente e sensual de quanto lhe proporcionavam os sentidos e já possuidor e usufruidor de vasta cultura de vivências humanas e viajeras, de leituras e de observação, de uma absoluta captação das visões e sensações que se lhe colavam à pele e aos sentidos, escreve, com pureza clássica, hossanas a quem e ao que o deslumbra.

Mais tarde, naquela idade em que a velhice torna mais claras e intensas a saudade e a memória, recordará – muita vez passando-as ao papel – o seu entusiasmo por viagens e por quem conheceu e apreciou e quem lhe dará o fôlego indispensável à produção mesmo que raiando o amoral com que arrostou a hipocrisia nacional.

Deixemo-nos, pois, com um louvar a Sintra e, tal como Teixeira Gomes, levar pelo acicate de um ângulo de sensualidade, quase erótico, à atracção pelo desmando nas forças veiculadas pela pujança da Natureza sintrense.

Vitor Wladimiro Ferreira
Caxias, Abril/2011

M. TEIXEIRA-GOMES

REGRESSOS

2.^a EDIÇÃO



DEPOSITÁRIA
PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

M. TEIXEIRA-GOMES

REGRESSOS



«SEARA NOVA»

LISBOA

1935

SINTRA

Eu já celebrei algures a grande «alegria de partir», após longa demora em sítio que o tempo tornou aborrecido, e que a mocidade inquieta vai pouco a pouco reputando insofrível cárcere.

A decisão de partir quebra logo o amodorramento melancólico da alma entenebrecida; rasga-se o horizonte sobre visões aliciadoras; já o próprio cenário detestado ressurge nos aspectos que a distância tornará saudosos e até o apêto do coração que adivia o tormento pela ausência de quem fica, requinta o prazer de partir...

Foi nessa disposição de espírito que muitas vezes deixei a mais amorável e suave paisagem que talvez exista no mundo. E para quê? Para colher pequenas sensações, rápidas e efê-

M. T E I X E I R A - G O M E S

meras, mais fugazes do que reflexos do poente em concha húmida.

Mas foram sempre as sensações que preferi...

As fortes sensações, que os heróis ávidamente procuram, para se levantarem num pedestal de evidência, obrigam a perseverar nas atitudes nobres; exteriorizam tudo em convenções decorativas, e fomentam a ambição da «Glória», que é o mais pérfido veneno da vida íntima.

Somos nós que queremos projectar uma grande sombra sobre o mundo, perdendo assim o gozo que ele nos proporciona, se nos fizermos simples e ingénuo espelho das suas infinitas imagens...

Parti, e, como sempre, sacudindo com a poeira dos sapatos, sobre a terra abandonada, os cuidados e as amarguras que julgara haver padecido ali.

E, como sempre, dormi no caminho o sono do justo, embalador e murmurante, de quem se transporta ao sabor da vagarosa corrente dum ribeiro cristalino.

R E G R E S S O S

Acordei no Poceirão. É um nome vulgar : Poceirão. Nada romântico e ainda menos poético. Mas acordaram também no campo, em volta, os pinheiros mansos, familiares, em rebanhos, que arredondavam à luz da madrugada a copa oval.

Era numa calma, tépida e fragrante manhã de Junho.

Estou no Pinhal Novo olhando para um jardim em miniatura, com três palmeiras anãs pegadas a ovado canteiro de gerânios e craveiros; com a asa a mais lembro-me de ter visto um cesto igual, arranjado para o benefício de certa bailarina.

Não ousou acreditar que Palmela seja assim pitoresca e minaz, alcandorada e acastelada na serra negra, tal como a vejo agora. O meu sono foi tão profundo, tão pasmado que, sem dúvida, ainda reverbera sobre a natureza a irrerealidade dalgum sonho esquecido.

Chegámos ao Barreiro e embarcámos para a travessia do larguíssimo Tejo. ; Como é extraordinária e desusada, ali, a paisagem! À direita, a terra baixa e rasa adianta-se, à flor

M. TEIXEIRA-GOMES

de água, balizada pelos grossos cilindros dos moinhos-de-vento, tudo parodiando um canto de Dordrecht, na sua doce atmosfera luminosamente húmida e perlada. Na margem esquerda o vasto espelho de água quebra-se de encontro aos alcantis de argila ruiva, que lhe tinge de vermelho a cristalina transparência; são altos cortes, a pique, abrindo em pequenas enseadas e sustendo um pinhal cerrado, que de longe parece cobrir inteiramente a terra de veludo. É o contraste de verde e púrpura da costa da Ligúria.

Mas a grande, a esplêndida fantasia, que vai muito além desses arremedos de paisagem holandesa ou italiana, é Lisboa, ao fundo, ferida obliquamente pelo sol nascente, a galgar montes sem fim, entre penumbras levíssimas de névoa rosada, e faiscantes rutilâncias de ouro, levando a desordem do seu interminável casario, até perder de vista, quando já o fumo em que se esvai pouxa nas longínquas esteiras da água luzente.

Não menos curiosas, pitorescas e varia-

das, as figuras de alguns passageiros do vapor.

Devia fotografar-se o velhinho que ia ao meu lado, de uma espécie de velhinhos que « não são nada », pequenino, tranqüilo, muito senhor de si, no seu vestuário quasi sórdido, parecendo dizer com o leve menear da cabeça: « eu não sou nada, porque não aparento coisa nenhuma, mas tenho lá em casa muito boas libras em oiro que valem por tudo ».

Defronte, e de pé, pois que nenhum lugar lhe parece suficiente para acomodar a imensa roda do seu sobretudo alvadio, agüenta-se, num bambolear de plantigrado, um senhor daqueles que dizem sempre e a cada instante: « cavalheiro »; e no banco da pôpa, uma trindade magestosa de damas escuras, bordadas a vidrilho, tôdas igualmente gordas, barbadadas e desdenhosas, parecem derramar um suor de contas negras sobre o *vulgum pecus* que as cerca.

Muitos magnates de Beja, de Serpa, de Évora, de incontestável, forçosa importância, os toicinhos do cachaço caídos na gola do

M. T E I X E I R A - G O M E S

casaco, divididos em grupos simpáticos, ali mesmo vão fazendo e desfazendo regedores e deputados, exilando escrivães-de-fazenda, trucidando amanuenses.

Recordo a figura de uma senhora idosa, de aspecto simples, tóda vestida de cinzento, sem enfeite algum, o olhar perdido em íntima absorção, braços caídos ao longo do corpo e as mãos unidas no regaço sôbre um farto molho de rústicas gramíneas, matizado de papoilas vermelhas.

Mas o pasmo universal causou-o uma outra dama, que apareceu na tólda quando o vapor atracava ao cais. Alta, magra, hirta e com um nariz de tão desaforadas dimensões que tinha todo o ar de ser coisa de ocasião, pois mal se conceberia que alguém lograsse o hábito de mover-se livremente com semelhante apêndice. E era de cavalete. Instintivamente os passageiros abriram alas ao rôstro fenomenal que ela, impávida e sôzinha, transportou para terra.

É certo que na mocidade a audácia não

R E G R E S S O S

conhece limites, mesmo quando nos propomos resolver problemas essencialmente dependentes do saber e da experiência. Assim acalentava eu o projecto de ir leccionar um velho poeta (o maior do seu tempo, e que fôra a vida inteira ludibrio de especuladores solertes), sôbre a forma prática, e infalível, de se libertar dos seus enredadores.

Mas a felicidade de deambular livremente, e sem destino, por uma grande cidade, tôda armada em cicloramas como é Lisboa, solicitava-me com tal insistência que pronto esqueci o que reputara obrigação moral e pus-me a flunar.

A súbita transição de um lugarejo provinciano, cheio de fisionomias conhecidas, inevitáveis, fotografadas na memória em todos os seus aspectos, para uma cidade populosa, abre o espirito ao gôzo da surpresa que, nos primeiros dias, nasce do mais insignificante espectáculo.

Um galego curto e forte, andando lentamente, ajoujado sob o volume enorme da sua pacotilha, e soltando, a espaços, um pregão

M. TEIXEIRA GOMES

quasi doloroso: Atlas ambulante; a teoria de varinas, de cinta estreita e seios erguidos, que airoosamente desfila ao longo dos ânditos asfaltados, onde os pés descalços poisam com incomparável leveza; e essa cabeça que repentinamente se volta, de cabelo encarapinhado, feições transtornadas, com uma fulguração pávida no olhar; pura obra de arte...

E as velhissimas, desfeitas madamas, que na sua ruína ainda se enfeitam com louçanias da mocidade, julgando-se perfeitos epílogos de beleza; e o pintalegrete, que não possui mais qualidades além do rosto bem parecido, mas isso mesmo bastando à sua glória, pois o torna desejado e querido de ambos os sexos...

E coisa também de pasmar que é aqui, como em tôdas as capitais de países pobres, o fabuloso luxo das farmácias!...

Mas começaram os encontros com literatos, única espécie animal com que tenho mantido relações — e ainda bem! — na capital lusitana.

Cumprimentos; paragem, aproximação de camaradas desconhecidos, e logo uma discussão

longa e assanhada... Por via de regra o literato português discute sempre zangado, e é profissionalmente irónico. Espreme as ironias com uns cascalhados risos, à mistura, que se coalham perfeitamente. E como o literato terrestre, é maledicente. Vinha logo à balha a vida dos colegas ausentes, num estendal de crónica libertina, esforçando-se cada qual por provar, no que respeita a si próprio, que é pessoa decente, confessada e comungada.

Êsses encontros levaram, naturalmente, pela bôca da noite, à visita aos cafés, onde estacionavam alguns musagetas de maior nomeada.

Apresentações, cumprimentos, perlengas...

«Mal iria a quem trova se lhe tomassem todos os versos por História» — diz o Castilho no seu ensaio sobre Anacreonte.

Nas feições, ou nas expressões, dos nossos escritores de agora, em prosa ou verso, pouco se lhes pode descobrir, que seja reflexo verdadeiro de seus sentimentos reais, ou dos lances de suas verídicas vidas. Compõem-se e disfarçam muito.

Enquanto os literatos da geração de Camilo levavam uma existência desregrada, apregoando ao mesmo tempo os sãos princípios da moral cristã, os da presente geração — a de 1880 — prêgando máximas subversivas de toda a organização social, praticam vida de exemplares pais de famílias, e disciplinam-se muito voluntariamente, nas fileiras da burocracia.

Mas tais contrastes sempre se deram em gerações subseqüentes, e observam-se mesmo em tempos muito remotos, de anoiçada memória...

No cenáculo de que me aproximei, dera-se começo à habitual tarefa de insuflar espírito novo, e conveniente, aos diversos ramos da Arte; todos entrancaram, de improviso, um pensamento inédito na grinalda da renascença intelectual; e entre libações de aguardente de cana, ali se decidiu categoricamente do futuro das letras pátrias e... universais.

Um dos musagetas, cujo nome eu reputava respeitável, mas que não recebera dos meus companheiros atenção suficiente, separou-se do grupo, e foi tomar assento numa banca pró-

R E G R E S S O S

xima, de onde nos ficou olhando entre arrogante e desdenhoso.

Inquiri, ingenuamente, da sua capacidade artística e intelectual, e logo outro musageta sentenciou: «Pretensio filósofo: é um espírito de pouquíssima superfície e profundidade nula...»

Sentia-me fatigado e sonolento. Sobre o conceito, a que aplaudi, fiz as minhas despedidas, já resolvido a evitar novos encontros literários, e adiando a leccionação prática, destinada ao velho poeta, decidi ir espalhar ao dia seguinte para Sintra.

Chuvicava, e tudo, na manhã esbranquiçada, tinha um ar parado. As largas ondulações do terreno, em volta de Lisboa, sucediam-se nas suas curvas lentas e graciosas. Ao extremo dos vales mais fundos, uma que outra vez, o Tejo aparecia, quieto e despolido. Rescendiam docemente os pomares das quintas nobres, cujas edificações apalaçadas aumentavam de volume, na luz suave que as envolvia. Os arcos formidáveis do aqueduto emol-

M. T E I X E I R A - G O M E S

duravam quadros duma tonalidade calma. O verde dos vinhedos esmaecia, sem que a púrpura das papoilas, que nalguns pontos os invadiam, gritasse ou destoasse.

O terreno fêz-se mais áspero, pedregoso e abrupto, e entramos em Sintra, já sem chuva, mas com uma luz igual, e como que peneirada do céu, afagando as linhas, sem sombras nem penumbras. É o dia ideal para excursões em região montanhosa.

Sem mais detenções pus-me a caminho da Pena, o castelo a que é justo ligar o nome de D. Fernando, num halo de esplendor.

Muitas vezes ouvi aos meus patricios desdenhar dessa obra fantástica; porque é híbrida a sua architectura; porque é teatral; porque faliu no seu intento; porque... Mas eu nunca vi obra igual no mundo inteiro, e julgo que ter aproveitado semelhante paisagem, para levantar um palácio que parece completá-la, bastaria à glória de qualquer artista verdadeiro.

O castelo é o altíssimo remate de agudas, negras penedias, sôbre as quais correm ainda

R E G R E S S O S

as ameias árabes das primitivas fortificações, e donde, nos intervalos de gigantescos monólitos, rompe a fartíssima vegetação de árvores colossais. A cada passo a vista mergulha num tanque de verdura perfumada e fresca, tecida com magnífica opulência.

Longa foi, e deliciosa, a ascensão, perdendo-me pelas veredas estreitas e serpentinadas, retrocedendo, a cada momento, em busca da estrada real, para me orientar; escutando o murmúrio das fontes, e alargando a vista, quando o horizonte se dilatava, e se desfazia em azul pálido. Que seja para o mar ou para a terra, casando-se com o céu, por esses caminhos tortuosos, cada volta descobre vales profundíssimos, perspectivas infinitas.

Levou-me duas horas o idílico, solitário passeio, numa atmosfera acariciadora, impregnada da fresca humidade dos musgos vetustos, que aveludam os blocos de granito, e animam o tronco das velhíssimas árvores; levou duas horas quasi de êxtase seráfico, pos-

M. T E I X E I R A - G O M E S

sível de atingir aos corações profanos, no grande conúbio da natureza...

Despertei à voz do guarda, que, ao transpor a grade do parque, me intimou, com singular brutalidade, a despojar-me dos dois lindíssimos cravos malferidos, comprados a vintém cada um, na tabacaria Neves, e que eram ornamento e orgulho da minha jaqueta.

Era a ordem... e para todos.

Nunca notícia alguma conhecida, de tirania particular ou histórica, dessas, tiberinas, que acendiam em chamas a indignação dos poetas, e armavam a sátira de látégos inclementes, irritou alguém tão profundamente, como a mim essa estúpida proibição de entrar num parque levando uma flor na lapela do casaco.

Pensei em retroceder. Mas fôra o próprio D. Fernando quem dera a ordem ainda respeitada. Fôra o mesmo que criara essa obra, para mim de exaltada beleza: o castelo da Pena.

E lembrei-me da sua derradeira e tremenda desgraça, o cancro imundo a roer-lhe a face,

R E G R E S S O S

arregaçando-lhe as pálpebras, esculpindo-lhe uma carranca de monstro, quando o coração apoleado, consciente de tôdas as torturas, apodrecia, bacorinhando a custo, na ânsia dos finais desenganos, a repulsão universal de tudo quanto o cercava e era deseável, belo e novo...

Sentado num dos seus bancos, no terraço que dá para a « Cruz Alta », mágico panorama por onde, certamente, e inúmeras vezes, ele alongara a vista deliciada, a minha indignação converteu-se em piedade, reconstituindo ali mesmo a sua grande miséria, a sua dolorosa putrefacção...

Como descrever, com minudências toleráveis, este incomparável castelo; a forma, a portentosa arte, com que o velho gótico do antigo mosteiro se entrançou em fantasias de desenho árabe; como da boceta recamada de esmaltes, que é o pequeno claustro, se lançaram essas pontes, que parecem sustidas no azul do céu; como se sobrepuseram as arrendadas galerias internas, e se abriram os am-

M. T E I X E I R A - O O M E S

plos terraços, sôbre perspectivas quasi irreais, à comparação das quais Monserrat e Taormina empalidecem; como, trespassando a de luz e de azul celeste, se lhe deu unidade, a essa imensa construção, feita de tão diversos elementos, e ali se fixou, no cume da agudissima e romântica penha, para dar guarida aos ciclones e aos astros errantes!...

Terminou a visita na capela, ao entardecer; detive-me a contemplar o grande retábulo de jaspe que fica junto à janela; dava-lhe de lado a claridade, já esmorecida, apanhando o grupo principal: um dos pés do Cristo morto, sôlto da penumbra e repassado de estranha luz, tomara os mais mimosos tons de carne viva.

Se pudesse caber erudição em esboço tão singelo como este que aqui vou delineando, eu citaria o que dêsse formosíssimo retábulo diz Frei Heitor Pinto, dando conta de uma romaria, no século xvi, no mosteiro de Nossa Senhora da Penha, mas sempre registarei a sua apreciação capital: de «maravilhoso artificio».

R E O R E S S O S

Voltei a Sintra por outros caminhos, por outros atalhos atapetados de fetos, tão serpentinos e tão ocultos na sombra do arvoredo como aquele por onde subira.

Perto da vila uma velha quinta despertou-me a atenção, pela nobreza das árvores desmedidas que lhe povoam o grande jardim, encobrindo ou disfarçando as escafeladas alvenarias da habitação. Entre essas árvores, aquela que sustenta, no declive da encosta, o pano mais alto do valado (que ali toma proporções de muralha) e, depois de vencer a largura da estrada, se divide em troncos espantosos, agarrando monólitos com as tremendas garras, e espalhando-se até quasi ao meio do profundo vale, é uma árvore religiosa, solta das entranhas da terra para saudar o céu, que espaneja com a farta ramada imensurável.

A luz declinara a mais e mais, ensombrecendo vales e barrancos, mas doirando ainda as colossais chaminés do Palácio Real, sobre a vaga e movimentada arquitectura em que assentam.

M. T E I X E I R A - G O M E S

Ainda li nomes de ruas de apropriado pitoresco: «Rua da Carcova», «Escadinhas do Biramonte»; comi queijadas e bebi a água cristalina de uma fonte pública, e serenado, contente, regressei a Lisboa na intenção de seguir no dia seguinte para Mafra, ou para onde quer que fôsse, que não oferecesse o risco de me embrulhar na citadina literatura de café...

Londres, 1916.

Associação de Defesa do Património de Sintra

adpsintra@gmail.com
www.adps.web.pt

Não se destina a venda